

“UMA ESTRUTURA QUE SE DEFORMOU”

Elizabeth Lorenzotti

Jornalista

Professor aposentado em litígio com a FIA denuncia a atuação de lobistas junto ao setor público

Laércio Durval Giuzi, professor aposentado da FEA, especialista na área de Recursos Humanos, participou durante quase vinte anos das atividades da FIA, praticamente desde o início de seu funcionamento. Hoje, afastado, atribui a interrupção de sua carreira acadêmica às críticas que fez a alguns aspectos da gestão da instituição que ele considera inaceitáveis, como a prática de *lobby*.

As revelações de Giuzi não são fruto de vingança pessoal, insiste o professor: elas apenas expressam a sua preocupação com a imagem da universidade. “Quando você está trabalhando, pela fundação, para uma empresa-cliente — e eu trabalhei em várias e grandes — as pessoas procuram pelo professor da USP. Não dizem FEA, ou Poli, muito menos FIA. Então, é a imagem da USP que está em jogo.”

Na sua opinião, os grupos de



Professor Laércio Giuzi: revelações incômodas

poder existentes na FIA controlam a FEA, e a estrutura da fundação determina a vida da faculdade. “Entre os fundadores da FIA, alguns morreram, outros se aposentaram. Mas sua dinastia continua imperando. É uma estrutura que se deformou. Tornou-se, na minha concepção, mais importante que a estrutura oficial da FEA”, afirma.

“Não varia muito a constituição da diretoria, do Conselho Curador da fundação. São cinco diretores, um é trocado a cada dois anos. Ele permanece no poder durante oito anos, no mínimo. Quando sai, na maioria das vezes torna-se coordenador do programa de *MBA*, ga-

nhando salário alto, ou vai participar de projetos da instituição, sendo regularmente pago”.

Giuzi afirma que suas desavenças na FIA devem-se às incoerências entre o que os próprios estatutos da instituição determinam e a proteção dada àqueles que têm mais poder e conhecem pessoas-chave nos vários es-

calões governamentais e nas empresas das quais o governo é o maior acionista.

Em 1985, quando o Banco do Brasil sentiu necessidade de fazer uma pesquisa motivacional junto a funcionários, enviou membros da consultoria técnica da sua presidência para contatar empresas que tivessem experiência para fazer este trabalho. Uma das organizações procuradas foi a FIA, representada na reunião pelo professor Giuzi e por outro professor da área de *marketing*, que o convidou, pois, além de não conhecer o assunto, os estatutos impunham a participação de um especialista em RH.

Giuzi rejeitou o enfoque inicialmente proposto pelo banco, e apresentou um projeto de pesquisa motivacional que, por sua aplicabilidade e originalidade, resultou na escolha da FIA. Percebendo o potencial de venda desse produto, o professor de *marketing* propôs uma sociedade em que ele seria o vendedor, enquanto Giuzi criaria e executaria os possíveis novos projetos na área de recurso humanos.

Outros clientes foram obtidos por meio do trabalho conjunto: Banespa, Petrobras, BNDES. A sociedade funcionou bem até 1992. A FIA tinha pleno conhecimento da situação, pois de acordo com os estatutos os contratos e o controle financeiro e de qualidade dos projetos estavam sob sua responsabilidade.

Desde o primeiro trabalho, o sócio de Giuzi solicitou a contratação de um colaborador, Alexis Stepanenko, que residia em Brasília e passava por dificuldades financeiras. Stepanenko teve participação de natureza apenas “decorativa” nos estudos, diz o professor. No entanto, além da remuneração que recebia, todas as despesas com sua hospedagem em São Paulo eram bancadas por Giuzi e seu sócio, com as verbas do projeto.

A sociedade foi desfeita unilateralmente por seu sócio, no momento em que Giuzi surpreendeu-se com a necessidade de “gratificar” um funcionário da Petrobras (“*overprice* de 20%, para comprar um apartamento no Flamengo”). O sócio alegou que teve a honestidade questionada por Giuzi.

O período em que o rompimen-

to ocorreu coincidiu com a ascensão do então vice-presidente Itamar Franco à Presidência. Stepanenko passou a ocupar cargos de grande importância, tais como vice-presidente do BNDES, até chegar a ministro de duas pastas naquele mesmo mandato.

Concomitantemente, o ex-sócio de Giuzi aliou-se a outros professores da área de *marketing* e conseguiu novos contratos, principalmente no Banco do Brasil, BNDES e Petrobras, clientes conquistados quando a sociedade estava em vigor. Giuzi sentiu-se esbulhado e resolveu reclamar seus di-

**“FIA não usa e não
apóia atividade
de lobistas”,
diz seu presidente**

reitos na justiça, pois fôra o idealizador do produto e investira nele sete anos de sua carreira.

A direção da FIA criou uma comissão para apreciar e julgar as suas reivindicações, que deu em nada. Isso teria evidenciado, para Giuzi, que a proteção dada aos que trazem projetos para a fundação, independentemente da forma como agem, é superior às normas escritas da FIA.

Antes dos cursos *MBA*, os clientes eram governamentais. “Por coincidência, somos a faculdade que mais deu ministros, secretários de Estado, funcionários de primeiro escalão”, ironiza.

“Isso faz supor que esses proje-

tos são facilitados. Você sempre tem de ter uma pessoa amiga, que eu nem chamaria de lobista, hoje algo até aceito como normal. Seria um nome um pouco mais pejorativo, mas não vou classificar porque não encontro uma palavra apropriada”.

O que se nota, afirma, é que o nível de vida desses professores é muito mais alto que o da maioria dos professores da USP.

Ele vê como positiva a linha de conduta definida pelos estatutos da fundação de atender ao ensino e à pesquisa. “A FIA oferece a chance de o professor elaborar mais teses de acordo com a realidade e não extremamente teóricas”, afirma. Qualidades, diz Giuzi, que estão sendo postas a perder pela deformação da estrutura da fundação.

Procurado pela reportagem, o ex-ministro Alexei Stepanenko não foi localizado. Já o presidente da FIA, professor Eduardo Vasconcellos, contestou enfaticamente as afirmações do professor Giuzi: “A FIA não tem nenhuma política e nem apóia qualquer atividade de lobista para desenvolver os seus projetos. Na maior parte dos projetos, 95%, a FIA é procurada pelas pessoas interessadas. Numa parcela muito pequena, o próprio coordenador procura uma empresa, diz o que ele pode fazer. O uso de lobistas é algo totalmente fora da nossa atividade.”

Quanto à sociedade mantida por Giuzi, Vasconcellos informou que a FIA “não tem política de administrar atividades de colaboração entre os docentes”. RA